
A Representação do Negro no RJTV – 1ª Edição¹

Cíntia Albuquerque²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho analisa as formas de representação dos afrodescendentes nos noticiários do telejornal *RJTV – 1ª edição* da Rede Globo. O objetivo principal do artigo, dentre outros, é verificar se o programa veicula imagens estereotipadas e invisibiliza outros modos de existência do negro. A hipótese dominante no projeto é que, apesar de ser um telejornal considerado mais próximo do povo, com alguns aspectos de comunicação comunitária e, portanto, com maiores chances de representar a população em todas as suas nuances, o *RJTV – 1ª edição* ainda demonstra marcas do racismo institucional.

PALAVRAS-CHAVE: representação; telejornal; RJTV; racismo; afro-brasileiro.

Introdução

A deportação de africanos para o Brasil durou mais de 300 anos e, por isso, como lembra Muniz Sodré, “a população brasileira [...] formou-se ao longo dos séculos por africanos escravizados aos milhões, provenientes de uma grande diversidade de portos ao longo da costa africana” (SODRÉ: 2015, p. 188). Após as criações das leis antiescravagistas e, principalmente, com a abolição da escravatura a partir do decreto da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, os ex-escravizados foram largados à própria sorte. Joel Rufino (1984) indica que as pessoas não-brancas nunca eram a primeira opção para fazendeiros que queriam trabalhadores livres. Segundo o autor, o lema era: “quanto mais branco o trabalhador, melhor” (RUFINO: 1984, p. 53). Ou seja, o fim do sistema escravista não incluiu o ex-escravizado. Ao contrário, constituiu uma sociedade dividida.

Essa divisão está presente até hoje na população brasileira por forma de discriminação. Ainda que a maioria das pessoas no Brasil seja negra³, isso não

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Mestranda em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ, e-mail: cintiaalbuquerque@gmail.com.

3 Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, 50,7% dos brasileiros são negros. Ver: Censo Demográfico 2010. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf. Acesso em: 09 de setembro de 2017.

representou a superação da desigualdade racial. A hegemonia branca continua no país e movimenta um tipo de racismo dissimulado, pois, como aponta Florestan Fernandes, aqui existe o preconceito de ter preconceito: “O que há de mais evidente nas atitudes dos brasileiros diante do ‘preconceito de cor’ é a tendência a considerá-lo ultrajante (para quem o sofre) e degradante (para quem o pratique)” (FERNANDES: 1972, p. 21).

Uma das dificuldades em combater o racismo no país é a falsa ideia de democracia racial enraizada no imaginário da população. No Brasil, a origem do termo “democracia racial” é comumente atribuída a Gilberto Freyre, porém, segundo Antônio Guimarães (2002), esse conceito foi formulado primeiramente com Arthur Ramos, em 1943, numa conferência que discutia a democracia após o período fascista no mundo. O autor argumenta que, na academia, essa expressão surgiu com Wagley, em 1952, por meio da frase: “o Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial.” (WAGLEY apud GUIMARÃES: 2002, p. 2). Guimarães (2002) observa que, na época, locais como Estados Unidos e Europa acreditavam que o Brasil não oferecia barreiras para que pessoas negras pudessem alcançar prestígios sociais. Dessa forma, difundia-se a ideia de que no país não havia nenhum tipo de discriminação racial, mas apenas igualdade.

Todavia, o Brasil não representa uma harmonia racial. Como aponta o dramaturgo Nelson Rodrigues: “Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. Nós o tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós” (RODRIGUES apud NASCIMENTO: 2016, p. 92). Nascimento ainda acrescenta que os brancos controlam desde os meios de comunicação ao estudo acadêmico, formulando os “conceitos, as armas e os valores do país” (NASCIMENTO: 2016, p. 92), então, a democracia racial nada mais seria que uma mentira inventada para beneficiar o poder do branco.

Atualmente, a população negra continua sendo preterida em diversos ambientes e um deles é o televisivo. Fora dos contextos estereotipados, o afrodescendente, salvo raras exceções, não existe na mídia. Se não estiver em situação carente, criminal ou marginalizada, o afrodescendente dificilmente possui voz ativa para dar depoimento, porque ele não é a principal escolha imagética nos noticiários – a preferência continua dominada por meio da pele clara. Ainda existe a imagem do negro sexualizado ou bobo, ingênuo, como lixeiros afrodescendentes sorrindo sempre para a vida. Ou seja, a TV

apresenta o afro-brasileiro como um espetáculo. Dessa forma, os brasileiros negros não enxergam a própria imagem refletida no espelho da mídia.

Para Muniz Sodré (2015), a imprensa revela-se conivente com a reprodução do racismo por não combater a discriminação racial e, ao invés disso, apenas falar a respeito quando algum caso vem à tona. O autor acredita que essa reprodução acontece primeiramente com a negação do racismo por meio de discursos que consideram o preconceito como algo do passado.

Pesquisas recentes sobre o papel da imprensa mundial na reprodução do racismo têm chegado à conclusão de que as instituições e grupos da elite branca dominante, inclusive a maior parte dos meios de comunicação, podem ser aliados próximos na reprodução da desigualdade étnica (SODRÉ: 2015, p. 152).

Com base nessa situação, o trabalho analisará as reportagens do *RJTV – 1ª edição* com o objetivo de identificar como os negros são representados nos noticiários. Dessa forma, espera-se verificar se o programa veicula imagens estereotipadas e invisibiliza outros modos de existência do afrodescendente brasileiro.

Metodologia

Para construir a pesquisa, foram analisadas duas semanas de reportagens do *RJTV – 1ª edição*, entre os dias 21 de agosto de 2017 e 2 de setembro de 2017, totalizando 12 dias de acompanhamento diário. A realização da análise foi estruturada pela divisão dos blocos em temas como violência, saúde, lazer, e as respectivas inserções de afrodescendentes nos blocos do programa. O presente estudo foi baseado em pesquisa de natureza bibliográfica, dissertativa e qualitativa.

Para analisar as reportagens do *RJTV – 1ª edição*, utilizou-se, em parte, a metodologia da pesquisadora Beatriz Becker (2012), denominada como “leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais”, na qual o jornalismo é visto como uma forma de conhecimento. Como aponta Becker:

A educação para a mídia poderia ser assumida como uma forma de iniciação às práticas democráticas, um estímulo para o questionamento de valores dominantes, para o acesso ao saber e ao exercício da cidadania por meio de um domínio relativo das tecnologias de comunicação (BECKER: 2012, p. 235).

Propondo a análise dos telejornais, a autora aponta o estudo por meio da junção das vias qualitativa e quantitativa. Dessa forma, Becker (2012) formula três etapas: “a de descrição do objeto de estudo, a da análise televisual e a de interpretação dos resultados alcançados” (BECKER: 2012, p. 233-234). Segundo Machado (apud BECKER: 2012), a noção de qualidade no meio audiovisual pode inclusive ter relação com a capacidade promover a diversidade ao evidenciar as diferentes experiências possíveis nas narrativas audiovisuais.

Becker (2012) aponta que a questão da qualidade no audiovisual permite investigar as formas que telejornais conseguem permear em diferentes ambientes, como o político e o cultural, formulando novos modos de enxergar e analisar os diversos locais brasileiros, “sugerindo novas formas de interpretação e de apropriação dos meios e das linguagens, contribuindo assim para a promoção da diversidade de representações, a pluralidade de expressões e a democratização dos meios” (BECKER: 2012, p. 241). Portanto, neste trabalho, foi trabalhada a visão qualitativa proposta por Becker.

Para estruturar teoricamente o estudo, o método sinóptico de Muniz Sodré (2013) foi amplamente utilizado, no qual o autor defende “um novo modo de inteligibilidade sinóptica capaz de pôr em situação de diálogo as várias possibilidades de pensamento.” (SODRÉ: 2013, p. 67). Segundo esse método, permite-se a reunião de materiais diversos a fim de analisar o objeto, com base na reunião e visão crítica aplicada a eles.

Estereótipos do afrodescendente nos telejornais brasileiros

A necessidade de um estudo e debate acerca da representação do negro nos telejornais surgiu, nessa pesquisa, após a constatação da televisão como um importante veículo de massa com forte influência na vida social da modernidade, como indica Machado (2003). Além disso, por meio dela “uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os voos de sua imaginação” (MACHADO: 2003, p. 11). Já para Muniz Sodré (2010), a TV não se revela como um meio tão democrático assim, pois a ideologia transmitida por ela dialoga com a classe que tem o controle do Estado. Na introdução do livro “O monopólio da fala”, o autor faz uma comparação da televisão colorida com a rede de esgoto, demonstrando a expansão desse

meio: “Em 2005, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/IBGE) verificou que [...] enquanto 162,9 milhões de domicílios possuíam o aparelho, apenas 132,2 milhões contavam com esgotos em suas residências” (SODRÉ: 2010, p. 9).

Em relação à representação do negro no telejornalismo, constata-se que, nas reportagens que abarcam temas como criminalidade, por exemplo, torna-se comum ver imagens de jovens negros sendo apreendidos, depoimentos transmitidos de forma dramática — e, por vezes, apelativa — pelas famílias desses jovens. Daí surge o questionamento: como a população negra se sente ao ver sua imagem frequentemente vinculada ao mundo do crime, violência e subalternização? Pode-se inferir que essa forma de reforço aos estereótipos fere a autoestima dos afrodescendentes, pois a imagem transmitida retrata o afro-brasileiro como um ser predestinado à condição de eterna inferioridade.

Outro estereótipo retratado é o de pobre e negro que conseguiu superar as dificuldades e atualmente é bem-sucedido. “O pobre vencedor que supera as condições de miséria nas suas origens. O pobre vitorioso, mesmo em meio às negativas do mundo.” (SANTOS: 2008, p. 35). Porém, essa vitória é vista como um mérito, pois o indivíduo se esforçou, batalhou o suficiente para sair dessa situação e conseguir uma vida melhor.

Em histórias comuns, por exemplo, pessoas negras não costumam ser a primeira opção como fontes para jornalistas. Por isso, raramente afrodescendentes são entrevistados como especialistas dos assuntos ou como “personagens da vida real”. Dessa forma, a televisão transmite à sociedade a ideia de que a população negra só existe enquanto pobre e criminoso, pois caso não se encaixe nesses estereótipos, ela é comumente invisibilizada nas telas.

Para Freire, a mídia dificulta a democracia ao fazer essas representações distorcidas, já que elas contribuem para a “manutenção e [...] reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração” (FREIRE: 2004, p. 47). Bourdieu (1997) inclusive acredita que a televisão representa um “perigo à democracia”: “Eu poderia prová-lo [o perigo] facilmente analisando o tratamento que, levada pela busca da mais ampla audiência, a televisão [...] concedeu aos fomentadores de discursos e de atos xenófobos e racistas [...]” (BOURDIEU: 1997, p. 9).

No TEDGlobal⁴ de 2009, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie disse que o problema do estereótipo não está no fato de ele ser mentira, mas ser incompleto⁵. Então ele essencializa, tira o espaço para a diferença. Segundo João Freire (2004), o estereótipo “reduz toda a variedade de características de [...] uma raça [...] a alguns poucos atributos essenciais [...]”. Encoraja, assim, um conhecimento intuitivo sobre o Outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso-comum.” (FREIRE: 2004, p. 47).

Estereótipos, por exemplo, sobre a predisposição natural dos negros para atividades físicas (trabalhos braçais ou, na melhor das hipóteses, esportes e dança), em detrimento de tarefas e ocupações intelectuais, almejam explicar e justificar sua escassa presença nos níveis superiores de ensino, em sociedades cuja ideologia oficial é a democracia racial (FREIRE: 2004, p. 47).

Segundo Bourdieu (1997), o ser humano atribui uma importância a ser visto na TV: parafrazeando Berkley, o autor diz que “ser é [...] ser percebido” (BERKLEY apud BOURDIEU: 1997, p. 16). Além disso, observa que alguns autores e filósofos acreditam que ser é estar representado na televisão, ser visto pelos jornalistas. Ou seja, existe a necessidade de visibilidade.

[...] no Brasil, a invisibilidade social do indivíduo aumenta na razão inversa da visibilidade de sua cor. Ou seja, como o negro é cromaticamente mais visível que o branco, torna-se socialmente invisível, é um padrão identificatório recusável (SODRÉ: 2015a, p. 174).

Barbero e Rey concluem que, quando se fala de televisão, os rostos estampados nela não representam a realidade, pois são formados “[...] pela trama dos interesses econômicos e políticos, que sustentam e amoldam essa mídia” (BARBERO & REY: 2004, p. 114). Apesar disso, os autores analisam que a TV continua sendo um importante meio de reconhecimento sociocultural.

Para mudar essa situação, torna-se necessário analisar profundamente o estudo e compreender os motivos pelos quais ainda perdura essa forma de racismo nos telejornais. No entanto, ainda é escassa a bibliografia acerca do assunto. Mostra-se

4 A conferência “TEDGlobal” tem como objetivo espalhar ideias ao redor do mundo. Cada apresentação tem em torno de 18 minutos e pode ser vista na internet.

5 Ver: O perigo de uma única história. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-28444. Acesso em: 8 de outubro de 2016.

importante valorizar a população negra no âmbito acadêmico ao ponto de reconhecê-la como protagonista do trabalho, não a colocando como vítima de uma condição inferiorizada que ocorre há séculos, mas como um agente fundamental e formador da sociedade brasileira.

O telejornal *RJTV* – 1ª edição

O telejornal regional carioca da Rede Globo, *RJTV*, se propõe a ser um prestador de serviços da população, por meio do qual os cidadãos da região metropolitana do Rio de Janeiro encontram uma maneira de ter as reivindicações atendidas. Através de uma linguagem informal, o *RJTV* procura se aproximar dos moradores.

A primeira transmissão do telejornal, apresentada pelo jornalista Berto Filho, estreou em janeiro de 1983, na parte da noite, com o objetivo de dar um destaque maior às notícias regionais. O programa durava apenas dez minutos e era dividido em três blocos de três minutos cada um. Após seis meses, o telejornal passou a ter uma edição diurna, transmitida às 12h40⁶.

Atualmente, o *RJTV* possui duas edições: a primeira, que é transmitida ao meio-dia e tem duração de 45 minutos e a segunda, exibida cerca de 19h15 com duração de 15 minutos. Neste trabalho será estudada apenas a 1ª edição, apresentada pela Mariana Gross, porque possui um tempo maior e um perfil considerado comunitário pelos produtores do programa. Em 1999, o telejornal passou a fortalecer “o debate entre os moradores e os órgãos públicos em prol da comunidade”⁷, mas, como aponta Fernando David (2008), a decisão da grande mídia em se conectar com a população foi uma maneira de reconquistar a audiência perdida, ou seja, foi um modo de contornar a crise financeira midiática.

Em 2007 e 2008, o programa lançou novos quadros com o objetivo de aproximar o telespectador, como o “Você no RJTV”, no qual o morador filma ou fotografa um acontecimento e envia para o telejornal, e o “RJ Móvel”, apresentado por Susana

6 Ver: Primeiros anos. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/rjtv/rjtv-primeiros-anos.htm>. Acesso em: 5 de junho de 2018.

7 Ver: RJTV Jornalismo Comunitário. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/rjtv/rjtv-jornalismo-comunitario.htm>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

Naspolini, em que a repórter age como fiscalizadora de problemas dos moradores, cobrando das autoridades as devidas soluções. Esses problemas giram em torno da falta de pavimentação adequada nas ruas, saneamento básico inexistente, funcionamento ineficiente de escolas ou áreas de lazer para a população.

Essas estratégias de aproximação com os moradores foram criadas para que o jornalismo veiculado no programa se tornasse um jornalismo comunitário, entretanto, como aponta Raquel Paiva (2003), a comunicação comunitária deve se enquadrar em determinados quesitos, como a participação da comunidade na produção das reportagens e a gestão do canal sempre nas mãos da população. Além disso, ainda segundo Paiva (2003), mais importante que se tornar um prestador de serviços, o veículo comunitário deve mobilizar as pessoas a exercerem a cidadania, rejeitando-se a ideia de que o jornal serve para atender o bem comum. Ou seja, dessa forma, não teria como considerar o telejornal *RJTV* um jornalismo comunitário, até porque ele está inserido na mídia hegemônica e a comunicação comunitária é uma forma de ação contra-hegemônica⁸.

Como o *RJTV – 1ª edição* considera-se um porta-voz da população, revela-se importante averiguar se esse meio consegue representar a população negra sem rotulá-la nos estereótipos constantemente repetidos pela televisão. Dessa forma, mostra-se importante analisar em quais contextos e locais os negros aparecem nas reportagens, se é comum vê-los como entrevistados especialistas, se o *RJTV – 1ª edição* possui repórteres negros diariamente nas reportagens e se o programa corrobora com o racismo ou tenta combatê-lo de alguma forma.

Representação do negro no *RJTV – 1ª edição*

No *RJTV – 1ª edição*, não se pode afirmar que existe o total apagamento da população negra. Diferente de outros telejornais da emissora Rede Globo como o *Jornal Hoje* (JH) e o *Jornal Nacional* (JN), o *RJTV* veicula imagens e depoimentos de afrodescendentes nas reportagens diariamente. Essa diferença se dá, talvez, devido às diferentes temáticas abordadas nos telejornais. Tanto o JH quanto o JN possuem muitas matérias sobre a política nacional e notícias internacionais, assuntos nos quais os negros brasileiros raramente aparecem.

⁸ Ainda que o conceito não tenha sido formulado por Gramsci, a noção de contra-hegemonia está presente em seus estudos, cuja definição seria a ideia de construção de uma nova cultura que surge para se opor à cultura dominante.

Entretanto, ainda que o *RJTV – 1ª edição* veicule afro-brasileiros nas reportagens, mostra-se necessário avaliar em quais contextos eles aparecem. O telejornal trabalha com temas como violência – pode-se dizer que é um dos tópicos que mais aparecem nas reportagens, por vezes ocupando um bloco inteiro ou mais no programa –, saúde, política, transporte, segurança e irregularidades em geral, ou seja, temáticas que envolvem reportagens com viés comunitário. É possível constatar que, nas matérias de violência, os negros são os verdadeiros protagonistas, aparecendo durante os 12 dias analisados em reportagens sobre a violência no Rio de Janeiro. Nesse quadro, mostra-se essencial avaliar a relação dos afrodescendentes com esse tema. Os dados do Mapa da Violência 2016⁹ mostram que, enquanto em 2003 foram registradas 20.291 vítimas negras, em 2014 esse número saltou para 29.813. A população afrodescendente continua sendo a mais assassinada, ocupando 70,5% das mortes por homicídio com armas de fogo no país.

Dessa forma, os afrodescendentes são os que mais sofrem com a violência, mas não deveriam ser reduzidos a isso — atitude realizada por grande parte dos telejornais. Bourdieu (1997) acredita que os jornalistas utilizam “óculos” para escolher o assunto e o modo de abordá-lo. Segundo ele, a televisão carrega consigo a dramatização e, por isso, “[...] Em relação aos subúrbios, o que interessará são as rebeliões” (BOURDIEU: 1997, p. 25). Então é possível associar que, em relação à população negra, o que interessará é a pobreza e a criminalidade, já que esses são os lugares estabelecidos para essa categoria.

Como apontam Barbero e Rey, a comunicação “acompanhou a progressiva invenção da democracia” (BARBERO & REY: 2004, p. 91) e é capaz de fornecer a visibilidade, pois coloca em questão os temas e as suas possíveis interpretações e, acima de tudo, facilita o acesso aos debates sociais. Por outro lado, a comunicação também provoca distorções e minimiza certas possibilidades de expressão, já que ela atende a interesses do poder hegemônico,

Logo, ainda que o *RJTV – 1ª edição* represente negros nas suas reportagens, pode-se utilizar como hipótese que o programa realiza a representação por viés estereotipado por não apresentá-los também em outros contextos como, por exemplo, representado-os como especialistas. Os estudiosos que compõem o estúdio para analisar

⁹ Ver: Mapa da Violência 2016. Disponível em:
http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf. Acesso em: 18 de outubro de 2016.

assuntos específicos são todos brancos, como o Fernando Veloso, especialista em Segurança Pública, e o Luis Fernando Correia, especialista em Saúde. Durante o período analisado, nenhum especialista negro participou da bancada do *RJTV – 1ª edição*

Por outro lado, deve-se relatar a tentativa, ainda que mínima, de inclusão de pessoas negras como “personagens da vida comum”. Por exemplo, em uma reportagem transmitida no *RJTV – 1ª edição* sobre o desligamento do sinal analógico de TV¹⁰, realizada no dia 30 de agosto de 2017, uma família negra foi utilizada como protagonista para falar sobre a mudança. Essa foi a única reportagem dentro do período analisado que representou uma família negra fora do estereótipo de negro pobre, negro criminoso ou que sofre com a violência na capital carioca. Importante notar que a matéria foi feita pela repórter Ana Paula Santos, a única jornalista negra que apareceu diariamente no programa durante as duas semanas analisadas para a pesquisa.

Muniz Sodré (2015) indica que a Rede Globo dá amplo espaço para uma repórter negra na televisão e que isso pode ser chamado de “*know-how* norteamericano na gestão da imagem empresarial” (SODRÉ: 2015, p. 280). O conceito refere-se ao ato de guardar um lugar para uma pessoa negra com o intuito de simular a existência da democracia racial. Seguindo o pensamento de Sodré, no caso do *RJTV*, esse lugar pode ter sido reservado para a Ana Paula Santos.

Importante destacar que, em datas comemorativas para a população negra, os telejornais costumam dar ênfase à luta diária dos afrodescendentes. Não é diferente com o *RJTV – 1ª edição*, que dedicou 10 minutos do programa para falar sobre a falta de posse dos quilombolas no Rio de Janeiro¹¹. A reportagem também atravessou temas como a cultura negra, a história dos quilombos e a rotina dos quilombolas. Duas observações que devem ser pontuadas: a produtora da matéria foi a Isabela Reis, jornalista negra, e a reportagem, transmitida no dia 12 de maio de 2018, antecedeu um dia à comemoração dos 130 anos da Lei Áurea. Ainda que essa reportagem não estivesse dentro das duas semanas analisadas, considerou-se importante incluí-la no estudo devido à temática racial.

10 Ver: Faltam menos de dois meses pro desligamento do sinal analógico de TV. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rjtv-1edicao/videos/t/edicoes/v/faltam-menos-de-dois-meses-pro-desligamento-do-sinal-analogico-de-tv/6114115/>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

11 Ver: Maior parte dos quilombos no estado ainda não tem posse de terra. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6730953/programa/>. Acesso em: 16 de junho de 2018.

Ainda que tenham visibilizados afrodescendentes fora dos contextos estereotipados, é preciso destacar que as jornalistas trabalham para a mídia tradicional, na qual existe uma dificuldade em promover a luta contra-hegemônica a fim de quebrar paradigmas estabelecidos desde o surgimento da TV no Brasil. Sodré (2015) aponta que “nenhuma verdadeira política antirracista pode implantar-se num sistema discursivo como o dessa grande mídia” (SODRÉ: 2015, p. 280). Partindo de um ponto de vista mais otimista, considera-se no presente estudo que a inclusão de maior quantidade de jornalistas negras em ambientes telejornalísticos podem auxiliar na promoção de novas possibilidades de existência dos afrodescendentes nos noticiários. Ainda que em pequena escala, o *RJTV – 1ª edição* se diferencia de outros telejornais da emissora Rede Globo por visibilizar a população negra fora dos contextos estereotipados, mas essa representação ainda não é suficiente para considerar que o telejornal luta contra o racismo institucional presente em toda a emissora.

Considerações finais

Apesar de ter um avanço maior na questão da suposta igualdade racial em relação aos demais telejornais da emissora Rede Globo, considera-se neste trabalho que o *RJTV – 1ª edição* ainda revela características presentes do racismo institucional, corroborando para a desigualdade e preconceito racial no país.

A intensa inserção de moradores negros em reportagens cujo foco é a crítica à violência urbana, por exemplo, fomenta no imaginário popular que o único lugar possível para o indivíduo afrodescendente na sociedade é o lugar de morador da favela que diariamente ouve tiros e luta para sobreviver. Foi estaticamente comprovado que a população negra é a que sofre mais com a violência e isso é um dado que perpetua há mais de quinhentos anos no país e se torna necessário mudar esses números. No entanto, massivamente veicular o povo negro no mesmo lugar dia a dia em nada contribui para o fortalecimento da autoestima negra. Apenas fortalece a ideia de subalternização eterna a qual essa raça foi submetida desde a colonização.

Recentemente, um estudo divulgado pelo portal Gênero e Número¹² revelou que existem apenas 219 professoras negras na pós-graduação no país. Esse número é baixíssimo, mas é um avanço e mostra que existem mulheres negras academicamente

12 Ver: Disponível em: <http://www.generonumero.media/menos-de-3-entre-docentes-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>. Acesso em: 25 de junho de 2018.

preparadas para falar sobre os mais diversos assuntos em reportagens. Por que não procurá-las como especialistas de temas específicos? Por que não permitir ouvir a voz do povo constantemente marginalizado? As pessoas negras não precisam apenas dar entrevistas para falar sobre racismo, porque elas também possuem outros conhecimentos.

A luta pela igualdade racial é árdua e diária. Se um telejornal regional com grande visibilidade, como é o caso do *RJTV – 1ª edição*, pode utilizar a plataforma em que está inserido para lutar contra o racismo, ele deve fazê-lo. É um dever do meio de comunicação representar os indivíduos em todas as suas nuances. Isso não significa promover a diversidade, mas normatizar a estrutura da população brasileira. O *RJTV* não deve ser o lugar onde os padrões racistas da televisão são repetidos.

Dessa forma, percebe-se que a população negra não possui as suas diferentes formas de existência diariamente representadas nos telejornais. Os brasileiros negros não são sempre pobres, criminosos, pessoas que sofrem o tempo todo com condições inferiores de vida. Eles também estudam em universidades, conseguem cargos de boa remuneração, constituem famílias, viajam, são especialistas em diversas áreas e merecem ser vistos também dessa maneira. A população negra tem o direito de se enxergar nos telejornais por meio de imagens positivas. Se a TV não está representando os negros em todas as suas formas, ela não está fazendo o seu papel de ator democrático da sociedade.

Como aponta Sodré (2015), o preconceito racial acontece quando há proximidade e, por isso, o racismo sugere a desterritorialização: o “outro”, visto como intruso, não pode ocupar o lugar do “mesmo”, pois este não quer dividir o seu espaço. Logo, é necessário desterritorializar e oferecer ao afrodescendente um lugar que contribua para a valorização da sua importância na sociedade. Se o Brasil foi construído principalmente por mãos africanas, o país tem o dever de exaltar a população negra, oferecendo, em todas as esferas sociais, condições de existência digna.

Referências bibliográficas

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2005.

_____. *Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais.* **MATRIZES**, São Paulo, v.5, n. 2, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DAVID, Fernando. **O jornalismo comunitário na grande mídia: um estudo de caso do RJTV 1ª edição.** Rio de Janeiro, 2008. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão europeia do livro, 1972.

FERRO, Rogério. *O negro sem cor no telejornalismo brasileiro.* In: BORGES, Roberto; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e racismo.** Petrópolis: DP et Alii Editora, 2012.

FREIRE, João. *Mídia, estereótipo e representação das minorias.* **Eco-Pós**, Rio de Janeiro. v. 7, n. 2, 2004.

GUIMARÃES, Antônio. *Democracia racial.* **Cadernos Penesb**, Niterói, v. 3, n.3, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** 3.ed. São Paulo: Editora Senac, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** 2.ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 3.ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

RUFINO, Joel. **O que é racismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SANTOS, Cristiano. *Representações sociais de pobres e comunidades da cidade do Rio de Janeiro na TV.* In: PAIVA, Raquel. SANTOS, Cristiano. (Orgs.). **Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa.** Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Ensinar e saber.* In: MOREIRA, Sônia; VIEIRA, João Pedro. (Orgs.). **Comunicação: ensino e pesquisa.** Rio de Janeiro: Ed Uerj, 2008.

_____. **O monopólio da fala.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010

_____. *Um novo sistema de inteligibilidade.* **Questões Transversais:** Revista de Epistemologias da Comunicação. São Leopoldo, v.1, n.1, 2013.

_____. **Claros e escuros:** Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.